



University of  
Texas Libraries



e-revist@s

Sumários.org



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

[www4.fsnet.com.br/revista](http://www4.fsnet.com.br/revista)

Rev. FSA, Teresina, v. 16, n. 2, art. 13, p. 238-255, mar./abr. 2019

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2019.16.2.13>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



## O Discurso Literário Brasileiro e a Formalização do Trabalho, da Técnica e da Tecnologia: Uma Abordagem Dialógica

### The Brazilian Literary Discourse and The Representation of Technics, Technology and Labor: A Dialogic Approach

**Ângela Maria Rubel Fanini**

Doutorado em Teoria da Literatura pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná

E-mail: [rubel@utfpr.edu.br](mailto:rubel@utfpr.edu.br)

---

**Endereço: Ângela Maria Rubel Fanini**  
Rua Ana Berta Roskamp, 1020, Sobrado 1, Jardim das  
Américas, Curitiba, 81530-250, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar  
Rodrigues**

**Artigo recebido em 18/12/2018. Última versão  
recebida em 09/01/2019. Aprovado em 10/01/2019.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review  
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review  
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**



## RESUMO

Este artigo analisa as articulações entre técnica, tecnologia, trabalho e discurso a partir de uma abordagem interdisciplinar, procurando perceber como textos da Literatura Brasileira (romances e contos) formalizam uma dada visão sobre o universo da produção material humana. A análise dialógica do discurso (Mikhail Bakhtin e o círculo russo) sustenta a pesquisa quanto à problematização do discurso, dando suporte para se entender como os escritores escrevem sobre a produção humana, ou seja, sobre o *homo faber*. Essas vozes criam e recriam o mundo material e o problematizam em sua dimensão histórica e atemporal simultaneamente. O escritor, à medida que escreve obras literárias sobre o que se produz, interfere na realidade social, visto que o discurso não só reflete a realidade, reproduzindo-a ou nomeando-a tal qual é, mas a refrata, reinstaura, instaura, consoante certa visão de mundo que plasma em suas obras. Estudar essas produções discursivas pode contribuir para entender as relações laborais entre os homens, articulando o *homo faber* ao *homo symbolicus*.

**Palavras-chave:** Técnica. Trabalho. Tecnologia. Discurso Literário.

## ABSTRACT

This paper analyses the interactions among technics, technology, labor and discourse through an interdisciplinary approach, aiming to investigate how literary Brazilian works (novels and short stories) elaborate a specific view about the material human life. The Dialogic Analysis of discourse (Mikhail Bakhtin and the Russian Circle) supports the investigation related to discourse, guiding the research to answer how writers shape voices about the material world, that is, about the *homo faber*. These speeches create and recreate the material universe, discussing it through a timeless and historical perspective simultaneously. The writers, elaborating their artistic creations about the real life of production, interfere in reality because their discourse not even reflect reality, reproducing it, but refract it, according to their cosmovision expressed in their works. Studying these literary voices may contribute to understand the relationships among men in material sphere, connecting the *homo faber* to the *homo symbolicus*.

**Keywords:** Technics. Labor. Technology. Literary Discourse.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga os discursos de longa e curta duração sobre a atividade laboral humana. As relações entre universo cultural e universo do trabalho e da tecnologia são pesquisadas a partir da recriação literária destes em obras da Literatura Brasileira do século XIX e XX. O discurso literário é importante fonte de conhecimento acerca de como os literatos percebem as formações sociais, políticas, econômicas e culturais. Desse modo, a partir do âmbito literário, é possível verificar como os escritores brasileiros veem o universo extraliterário do trabalho e da tecnologia, e como o fazem migrar para o interior do mundo discursivo, recriando-o sob prismas diversos que se constituem simultaneamente em uma visão peculiar de cada escritor, e também em uma certa episteme referente a determinados contextos sociais e temporais. Essa recriação ocorre a partir de diversos ângulos em que afloram variadas ideologias a que os escritores estão vinculados. O mapeamento dessa representatividade literária e o “como” ocorre essa tecnicamente essa formalização, é o objeto deste artigo. Essa pesquisa tem sido realizada desde 2003, investigando-se obras literárias em sua articulação ao universo material, fazendo parte de projeto de pesquisa postado na plataforma de Grupos de pesquisa do CNPq.

O trabalho é dimensão da infraestrutura (mundo material) e também da superestrutura, não havendo dicotomia entre essas dimensões à medida que o homem não só trabalha e produz sua existência material, mas, sobretudo pensa, reflete, fala e escreve sobre ela, e a produção é fruto desse pensar. Nesse passo, este artigo se insere nessa problemática, mais especificamente tratando das relações entre trabalho e literatura. É procedente se destacar que trabalho, técnica e tecnologia remetem à mesma atividade humana. O ser humano encontra nesses três âmbitos a sua razão de ser, pois não existiria sem que produzisse sua existência material. Desde as priscas eras, o homem tem conseguido sobreviver às intempéries, à morte, à predação de outros animais por intermédio de modificar a natureza em seu entorno, no intuito de reproduzir a vida e sobreviver. A técnica é condição ontológica do ser humano, criando para ele uma “segunda natureza” que se instaura pela sua capacidade racional de refletir sobre as causas materiais, formais, finais e eficientes, com o propósito de criar objetos, estratégias, dispositivos, meios etc, com os quais possa enfrentar os obstáculos naturais e sociais. Dentro da tradição filosófica, utilizamo-nos do vocábulo técnica para designar essa capacidade do ser humano de produzir sua existência desde milhões de anos atrás. Já, o vocábulo tecnologia se refere às dimensões que a técnica assume em certos períodos históricos e epocais. A técnica é tão antiga quanto o homem, e a tecnologia é a feição

que a técnica assume historicamente. Dentro da tradição marxista<sup>1</sup>, ao invés de se enfatizar a técnica ou a tecnologia, destaca-se o trabalho como produção humana, nomeando-o como dimensão ontológica e constituinte do ser humano. Este artigo, encontra amparo nessa tradição, entendendo o trabalho como essencial dimensão humana, mas também se aproxima de outros mirantes teóricos, compreendendo que os quatro âmbitos se interconectam, visto que não há técnica e tecnologia que não sejam oriundas do trabalho humano, e a linguagem está sempre envolvida nos afazeres técnicos, orientando, nomeando, descrevendo, narrando-se o que se faz. O caráter interdisciplinar deste artigo também encontra apoio na área de Letras, advogando a ontologia da linguagem na constituição do ser humano. Esta, também, remonta às priscas eras, assim como a técnica, a tecnologia e o trabalho. O homem não só é um produtor de sua vida material, de ferramentas, equipamentos, mas age, reage e pensa sobre sua existência empírica por intermédio da linguagem. O seu humano nomeia as coisas que cria, objetivando, com isso, relacionar-se com elas. Trabalho, técnica, tecnologia e linguagem são mediações entre os homens e as coisas. Nesse passo, essa reflexão se vincula também a uma teoria materialista da linguagem, embasando-se em Bakhtin e Volochinov (1986), para quem o “signo lingüístico reflete e refrata o real”. Essa reflexão é dada por inúmeras mediações entre o sujeito e o objeto, a saber, de classe social, etnia, ideologia, faixa etária, nível cultural, estilo e cronotopo, e esses vieses é que garantem a refração. A linguagem diz as coisas e de certo modo. A materialidade do trabalho adentra o universo cultural que recria essa materialidade a partir de certa perspectiva que pode assumir diversos prismas, sendo revolucionária, crítica, conservadora, carnavalizada, enaltecida, depreciativa e assim por

---

<sup>1</sup> O trabalho como objeto discursivo surge de modo sistemático, mormente, no século XIX visto que, nesse período, uma nova classe sócio-econômica surge, denominada classe proletária. Resulta, sobretudo, do advento da Revolução Industrial que se inicia na Inglaterra, espalhando-se para outros países como também interferindo na economia destes de modo direto e indireto. Marx e Engels descrevem essa classe e apostam nela como sujeito e motor da história cujo poder transformaria as condições sócio-econômicas, instaurando a sociedade comunista mediante a superação da sociedade capitalista. O trabalhador fabril urbano, ente histórico, passa a ser também objeto discursivo nas obras magnas desses autores. Essas obras vão ser lidas, editadas, reeditadas, colocadas em prática, por intermédio de revoluções, construindo assim, uma tradição nomeada de marxista em que o trabalho passa à condição central para o ser humano em termos de ontologia e também empodera o homem em suas lutas associadas e coletivas contra o capital exploratório. A obra de Mikhail Bakhtin e do Círculo também se vincula ao Marxismo por destacar a dimensão material da linguagem, entretanto, dele se distancia de certo modo ao enfatizarem a centralidade da linguagem na constituição do ser social. Para os teóricos russos, a linguagem é o campo de luta privilegiado e ali se acirram as disputas inter e intraclasses. O trabalho como elemento antagônico e contraditório ao capital, surge como objeto discursivo visto que a linguagem é importante palco de lutas sociais. Estudar os discursos sobre o trabalho é uma forma de entender como esse trabalho é destacado de maneiras diversas, dependendo dos sujeitos envolvidos. Os trabalhadores explorados e os proprietários do capital tendem a emitir discursos contrapostos, acirrando a luta de classes. O objeto trabalho vai recebendo nomeações díspares, emergindo de modo plural em decorrência de sua materialidade dentro das condições reais de existência que podem ser tanto positivas quanto alienadas e degradadas. O discurso sobre o trabalho advindo das relações concretas de existência conta uma história dos embates entre os sujeitos que trabalham em oposição aos que vivem da exploração do trabalho alheio.

diante. Os discursos recuperam outros discursos sobre o objeto, ou seja, são sempre, no mínimo bivocais e dialógicos, mesmo quando intentam abafar as várias vozes que dizem o objeto, tendendo à monologia. A perspectiva é dialógica, seguindo o círculo russo, destacando-se que o sujeito, no caso os escritores, ao emitirem enunciações sobre o objeto (a atividade laboral), já o encontram no discurso, analisado, desacreditado ou valorizado. Essas falas e escritos sobre o objeto são da ideologia do cotidiano que mantém relação concreta com o contexto imediato, mas também se articulam direta e indiretamente ao contexto discursivo-cultural de longa duração no Ocidente, do qual nossa Literatura Brasileira é também devedora.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Discursos de longa duração e sua resignificação

Os discursos em torno do trabalho, da técnica e da tecnologia são de longa e curta duração. Recuperamos alguns desses discursos para verificar a sua resignificação em textos literários da Literatura Brasileira do século XIX e XX. Inúmeras narrativas literárias recuperam um discurso sobre o trabalho, a técnica e a tecnologia de longuíssima duração, ora contestando, ora se aproximando, ora carnavalizando essas enunciações. Por exemplo, há discursos canônicos sobre o trabalho no Ocidente e alguns escritores recriam esses discursos por intermédio de situações narrativas e personagens.

O discurso grego sobre o trabalho é bastante complexo e poderíamos gastar muitas páginas para dele nos aproximar, sem, contudo, darmos conta de sua totalidade. Podemos, no entanto, recuperar alguns já bastante lidos, a fim de trazê-los para nossa discussão. A tragédia *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo plasma uma certa visão sobre a produção humana que tem sido retomada por inúmeros outros discursos posteriores. Essa tragédia é reeditada em muitas obras, sendo parodiada, enaltecida, recriada. No discurso grego o ser humano se emancipa dos deuses a partir do trabalho e da técnica que lhe são dados por Prometeu. A condição de emancipação humana aí se vincula à sua capacidade técnica de produzir sua existência, e não mais depender de poderes transcendentais. Muitas vezes que partem do mirante do cuidado com o meio ambiente contemporâneo, tratam de recuperar o mito prometeico para indagar sobre a capacidade humana de destruição do meio ambiente, definindo o homem moderno como o “Prometeu desacorrentado”, ou seja, aquele que destrói o planeta com uma técnica e tecnologia voltadas unicamente para sobrepujar a natureza no sentido de auferir lucros, dentro

de uma sociedade de consumo exacerbado. Outra obra grega de sumo interesse, que faz parte de uma tradição discursiva sobre o trabalho é *O Trabalho e os dias* de Hesíodo, em que o escritor é apologeta do trabalho cotidiano, apresentando uma visão positiva para a atividade laboral. Embora partindo de um contexto econômico-social atrelado à escravidão, Hesíodo é favorável ao trabalho material como fonte de dignificação e ascese do ser humano. A perspectiva axiológica nos versos hesiódicos distingue-se daquela, presente nas epopeias heroicas do poeta Homero. Esse autor lauda a atividade heroica do guerreiro, cuja demonstração de vigor e bravura é extraordinária, afastando-se daquele homem comum cotidiano e ordinário da lida no campo e no artesanato, por exemplo. Em Hesíodo, a conduta virtuosa pode ser buscada em uma ação cotidiana protagonizada por aqueles que trabalham, ou seja, está presente no homem comum e não no incomum e extraordinário, como em Homero. Hesíodo plasma outro discurso com outro referente social, tendo como foco o trabalhador. Outro conjunto discursivo voltado para o trabalho humano se encontra nas muitas vozes dos diversos livros que compõem a Bíblia. Do discurso bíblico sobre o trabalho promanam múltiplos vieses acerca da atividade laboral, nas diversas falas de evangelistas, profetas e reis, surgindo o trabalho como maldição e simultaneamente como zelo, cuidado e voltado para o outro. Como já mencionamos, o discurso marxista é outra fonte de nomeação do trabalho que vai sendo descrito como alienado e estranhado quando vinculado ao capital, e ontológico e emancipador quando surge em condições que superam a exploração capitalista.

Há discursos do século XIX que, ao tratarem sobre o trabalho, contrapõem-no ao ócio criativo e à festa. É o caso do ensaio de Paul Lafargue, *Direito à preguiça*, em que o autor, indo na contramão do discurso que enaltece o trabalho, deprecia-o e destaca a condição da preguiça, do ócio, da festa como necessidades humanas superiores à atividade laboral. Esse discurso de contraposição vai ser retomado por outros autores dentro da corrente marxista e fora dela no século XX (GORZ, 2003, KURZ, 2010, BAUMAN, 2008). As condições precárias de trabalho (terceirização, flexibilização dos direitos dos trabalhadores, desemprego estrutural e outras) levam a essas indagações sobre a atividade laboral, apostando em outras formas de sociabilidade para o homem. A Literatura Brasileira formaliza personagens dadas a partir desses prismas, criando uma certa identidade para o trabalhador brasileiro. As narrativas, em especial, recuperam essas vozes para construir o seu objeto, constituindo-se como “discursos indiretos” e internamente dialogizados no dizer de Bakhtin e o Círculo, pois não são discursos primeiros e originais sobre o trabalho, mas se acham em pleno diálogo com essa corrente comunicacional discursiva de longa duração. Nesse passo, este artigo visa a investigar o dialogismo do discurso literário em relação a outros discursos advindos da cultura

grega, da Bíblia, da Sociologia, da Economia e da Filosofia em torno do objeto trabalho. Aqui se pressupõe que não há um discurso melhor que o outro, ou seja, a voz de sociólogos, economistas, historiadores, filósofos sobre o objeto têm tanto valor quanto a voz dos literatos, mas esse conjunto discursivo nos pode fornecer uma dimensão mais abrangente sobre como o homem tem se posicionado acerca de sua atividade material ao longo de sua história. Também se vinculará o discurso literário às condições materiais de produção e reprodução material da vida, sem se incorrer em um determinismo econômico.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 Discursos sobre o trabalho na Literatura Brasileira

Tomamos aqui o discurso bíblico como macro discurso fundante no sentido de que, por ter se transformado em cânone da cultura ocidental, é constantemente revisitado por discursos que lhe são posteriores. Na Literatura Brasileira, em geral, percebe-se que cada época mantém certas relações dialógicas com o texto bíblico. A título de exemplificação, segue trecho bíblico sobre o trabalho retomado por Machado de Assis, na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás. ”, (GÊNESIS, cap. 3:19). No discurso bíblico em que se narra a condição do homem após a queda, descreve-se a situação laboral humana como um fardo e uma punição, materializando-se a finitude humana.

O homem, após sua insurgência no Éden, passa a trabalhar para se sustentar e esse trabalho é nomeado como um fardo penoso. Essa formalização discursiva é bastante revisitada no Ocidente e contribui para definir, em parte, o trabalho de modo negativo em nosso ideário cultural comum. É condição humana, mas traz sofrimento. Entretanto, é a única forma de sobreviver após a perda da tutela do poder transcendente. Em Machado de Assis, no romance referido, ocorre a recuperação desse discurso em chave satírica. A personagem narrador, Brás Cubas, recupera essa fala e a subverte uma vez que dela desdenha, informando ao leitor que não foi amaldiçoado pela sentença divina, que expulsa o homem do Éden, fazendo-o trabalhar para manter a sua sobrevivência. A personagem em tela, representante da elite oitocentista escravocrata e proprietária de terras, não foi alcançada por essa maldição divina visto que ali, na sociedade brasileira do século XIX, pobres e escravos estavam a trabalhar em lugar da elite em uma sociedade hierarquizada e

composta por classes sociais diferenciadas. O discurso que funda o homem-trabalhador e mortal é revisitado e carnalizado. O narrador o satiriza visto que a sociedade de classes dá outra dimensão ao discurso, reinstalando-o de outra forma. O discurso perde o referente generalista, pois o trabalho já não é condição para todo o homem como na Bíblia, mas só para alguns, desprivilegiados de posses. Lembremos a máxima de Brás Cubas, ao final da narrativa a partir de Brás Cubas em que se afirma “...coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto”, explicitando, nessa pequena frase, via “redução estrutural” (CANDIDO, 1981)<sup>2</sup>, todo um universo de expropriação do trabalho escravo e alheio. Percebe-se a mobilização de um discurso de longa duração que toma outro significado em decorrência da sociedade de classes que privilegia alguns em detrimento de outros.

A elite aqui está além do divino, não sendo submetida a nenhum poder transcendente. Entretanto, por trás da personagem narrador Brás Cubas, há o autor interno e, em seu relato, percebemos a personagem em sua inteireza medíocre e degradada. Brás Cubas é uma criação literária do organizador da obra, o autor e, em sua formalização, vemos a sua limitação como ser humano. A personagem é também dada a partir de outras vozes no texto que a recriam de modo a revelar as suas falhas. Essa recriação plural é característica imanente do universo romanescos, em que vozes diversas dizem o objeto, revelando-o em suas contradições. Machado tanto recupera um discurso anterior, no caso o bíblico, quanto se volta para a realidade imediata, sintetizando em uma única frase, a problemática do trabalho oitocentista brasileiro, à medida que informa quem trabalha e quem usufrui do trabalho em uma sociedade desigual e escravista. Logicamente que essa enunciação sintética toma significado com a leitura da totalidade da obra e reportando-a ao contexto histórico brasileiro. Para fins deste artigo, extraímos o excerto para exemplificar.

Em *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, romance da mesma época do anterior, mostra-se o trabalho tanto no sentido derogatório decorrente da sociedade escravista (economia) e escravocrata (cultura), quanto elemento de ascensão social (ideário liberal-burguês). A narrativa apresenta uma gama enorme de trabalhadores que constituem sua subjetividade no trabalho e nele constroem um certo sentido para suas vidas. Aqui o trabalho árduo das classes baixas vai sendo mostrado em sua faina diária. A personagem principal, João Romão, trabalha e ganha o sustento com o suor de seu labor. Porém, também explora o

---

<sup>2</sup> Candido (1981) trata da síntese que o discurso romanescos opera sobre os dados externos a ele. A literatura não é cópia fiel da realidade, refletindo-a tal qual um espelho, mas os dados externos a ela, ou seja, a realidade material, é reelaborada migrando para o interior do texto, sofrendo uma redução estrutural de acordo com a intencionalidade do autor e suas mediações ideológicas, políticas e existenciais.

trabalho alheio, enriquecendo e fazendo fortuna a partir da expropriação do outro. Essa personagem percorre uma trajetória que vai da pobreza à condição de Visconde, mostrando-se o trabalho como construção pessoal e de exploração. O trabalho árduo da personagem também beneficia a sua ascensão social. Entretanto, a expropriação do trabalho escravo e do trabalhador formalmente livre é também fonte de ascensão. Esse contexto abriga, pelo mínimo, duas visões do trabalho material bem contrastantes, ou seja, a do trabalho como fardo e como digno. Em Aluísio Azevedo já se vê mais explicitamente o diálogo com o discurso de fundamentação socialista que no século XIX é intenso. A luta capital versus trabalho é explicitada na condição existencial da personagem. Esse romance é fonte de documentação da realidade no sentido de que por trás do baronato brasileiro haveria muitas bertolezas (personagem escrava que serve de sustentação à riqueza de João Romão).

Aluísio Azevedo recria a exploração de classe bastante descrita e analisada, por exemplo, pelos discursos de viés marxista, socialista e anarquista da época. Por intermédio dessa enunciação literária, o autor vai construindo um discurso sobre o trabalho que se concretiza sob várias dimensões, a saber, como sobrevivência, como exploração e como meio de ascensão social. Essa usurpação do trabalho do outro está consoante à época em que esse discurso sobre a desigualdade aflora em muitos pensadores da época. Todavia, essa crítica à exploração do trabalho alheio também recupera uma memória discursiva bem anterior, como se pode perceber no seguinte trecho bíblico localizado em Deuteronômio (cap. 24). “Não oprimirás o trabalhador pobre e necessitado, seja ele de teus irmãos, ou seja dos estrangeiros que estão na tua terra e dentro das tuas portas. ” Além dessa dicotomia entre os que exploram e os explorados, vinculada a paradigmas diversos (escravista e liberal-burguês), o romance ainda apresenta o trabalho em oposição ao ócio, resultado de uma perspectiva culturalista - determinista em que a racionalidade do trabalho burguês é dada como inadequada para o trabalhador brasileiro, inclusive por questões mesológicas, mormente presente no ideário oitocentista. Nas situações narrativas cujo protagonismo cabe à personagem Rita Baiana (apresentada como mulata sensual, bonita e bastante independente), ocorre o elogio do ócio em oposição ao trabalho. O romance está a dialogar com alguns discursos da época em que se destacava a impossibilidade de haver trabalho regado em solo nacional por conta da mestiçagem brasileira e do clima. Todavia, no romance, o ócio é dado em chave positiva e festiva e não negativo como é percebido em ideário liberal-burguês.

Em relação ao trabalho escravo, ocorre a sua recriação na personagem Bertoleza que, mesmo na condição de escrava, apresenta comportamento não totalmente submisso, mas

muitas vezes insurrecto, à medida que é escrava fugida, vive na condição de trabalhadora assalariada e, ao final, ao saber que será devolvida ao cativo, suicida-se como meio de libertação. Bertoleza representa o escravo parcialmente autodeterminado, com certo poder de negociação, desviando-se parcialmente da imagem do escravo objeto, alienado e passivo. Assumimos que Bertoleza é formalizada tanto como sujeito quanto objeto no mundo do trabalho. Na condição de escrava fugida, trabalha na cidade para um quituteiro, percebendo salário, já implicando uma condição de autodeterminação. Ao conhecer João Romão, abandona o vendeiro e passa a trabalhar para João Romão, sendo também sua concubina.

O companheiro toma-lhe as economias e forja uma carta de alforria, ludibriando-a. Ilusoriamente vive uma existência livre. Todo trabalho tem um único fim, ou seja, acumular e enriquecer, vivendo em condições frugais extremas. Por sua condição ambígua entre sujeito de sua trajetória e objeto dos desígnios de outrem, insurge-se contra essa desdita. Bertoleza expressa voz, vontade e desejo de vingança em relação à dupla dimensão de expropriação (condição laboral e de gênero) de que fora vítima por parte de João Romão: “Você está muito enganado, ‘seu’ João, se cuida que se casa e me atira à toa! Exclamou ela. Sou negra, sim, mas tenho sentimentos! Quem me comeu a carne tem de roer-me os ossos! Então há de uma criatura ver entrar e sair ano a puxar pelo corpo todo o santo dia que Deus manda ao mundo, desde pela manhãzinha até pelas tantas da noite, para depois ser jogada no meio da rua, como galinha podre?! Não! não há de ser assim, ‘seu’ João” . (AZEVEDO, 1979, p.333)

Entretanto essa margem de negociação é pequena e o sistema escravista a aniquila, revelando-se escravo objeto, explorado em sua labuta cotidiana em prol da ascensão sócio-econômica dos proprietários. Ao final da narrativa, João Romão casa-se com moça da alta sociedade. Para atingir esse fim, tenta devolver Bertoleza ao seu verdadeiro proprietário. À medida que João Romão migra de classe, precisa se “civilizar”, adquirindo outros valores e cultura. Urge se desvencilhar de seu passado escravista, escamoteando o acúmulo selvagem e desumano de capital. Bertoleza deve ser aniquilada, pois representa essa trajetória. O trabalho submetido à árdua poupança e fonte de privação deve ser suprimido da memória, visto se vincular à atividade escrava e não nobre, visão característica da sociedade brasileira oitocentista, cuja economia escravista percebe o trabalho material como derogatório:

Bertoleza devia ser esmagada, devia ser suprimida, porque era tudo que havia de mau na vida dele! (...) Ela era o torpe balcão da primitiva bodega; era o aladroadado vintezinho de manteiga em papel pardo; era o peixe trazido da praia e vendido à noite ao lado do fogareiro à porta da taberna; era o frege imundo e a lista cantada das comezainas à portuguesa; era o sono roncado no colchão fétido, cheio de bichos; ela era a sua cúmplice e era todo o seu mal - devia, pois extinguir-se. Devia ceder lugar

à pálida mocinha de mãos delicadas e cabelos perfumados, que era o bem, poque era o que ria e alegrava, porque era vida nova, o romance solfejado ao piano, as flores nas jarras, as sedas, as rendas, o chá servido em porcelanas caras; era enfim a doce existência dos ricos, dos felizes e dos fortes, dos que herdaram sem trabalho ou dos que, a puro esforço, conseguiram acumular dinheiro, rompendo e subindo por entre o rebanho dos escrupulosos ou dos fracos. (AZEVEDO, 1979, p.324).

A faina do trabalho material é demonstrada pelo labor coletivo nas pedreiras, em que se lembra simbolicamente o mito grego, no qual os homens lutam sisefianamente contra o trabalho que os subsume. A luta contra a pedra é inglória, manifestando o trabalhador na tentativa de modificar a natureza, supliciando o corpo. Esse trabalho é alienante, uma vez que é desprovido de autodeterminação. É determinado de fora, sob a direção e supervisão de inspetores, e a produção é apropriada pelo proprietário da pedra. O trabalho é direcionado sob perspectiva de fora, e para fora é deslocado, atendendo à maximização das horas trabalhadas e do lucro. Vê-se que Aluísio Azevedo está a dialogar com os variados discursos sobre o trabalho de sua época, e os faz fonte de inspiração para a criação de seu universo literário em que o trabalho é recriado literariamente. Há um diálogo constante com outros discursos e uma visão crítica da realidade, à medida que formaliza o trabalho alienado, estranhado, exploratório e degradante que acompanha os humildes, e do qual Marx e Engels trataram soberbamente e criticamente em suas obras magnas.

Indo para frente, já no século XX, a obra de Mário de Andrade *Amar, Verbo intransitivo: idílio* traz o universo do trabalho do imigrante, focalizando-se, mormente, em Elza, a personagem governanta alemã e protagonista.

A narrativa conta a história do trabalho de Elza na casa de família paulistana de elite vinculada à indústria. Esse labor é imaterial, visto que está ligado a ensinar música, a tocar instrumentos como o piano, a ensinar línguas clássicas, cultura erudita e padrões de etiqueta para as filhas e filho do casal. O ideal da personagem é trabalhar em casa de famílias ricas, economizar e voltar à Alemanha para constituir família. Perceba-se que Elza exerce o trabalho imaterial e intelectual, revelando-se claramente uma preocupação da elite em bem formar os seus filhos. Longe se está dos séculos anteriores em que Gilberto Freyre, em sua obra magistral, *Casa grande e senzala*, descreve as mucamas a ensinar sinhozinhos e sinhazinhas a rezar, cantar e falar. A governanta possui uma cultura letrada e erudita alemã e ocidental, sendo contratada como preceptora dos filhos. “É a casa brasileira a se civilizar”. Porém, afóra esse contrato de professora de cultura e erudição, há outro acerto com o industrial. Elza deve iniciar o filho herdeiro na vida sexual. Distante se está também dos períodos anteriores em que os sinhozinhos se iniciavam com as escravas, gerando, inclusive, os elementos mulatos.

Aqui se percebe que não só a mente de Elza serve à elite, mas também o seu corpo. Isso nos remete ao contexto imediato histórico-econômico em que, com a mudança de paradigma material, exige-se a substituição do trabalhador. Não mais o escravo do eito, semi-desqualificado para a indústria<sup>3</sup>, mas o imigrante, sua mente e seu corpo para trabalhar nas indústrias têxteis e alimentícias, e outras que se implantavam no Brasil da Primeira República.

Os milhares de imigrantes que aqui aportaram, já detinham a tecnologia da maquinaria proveniente da revolução industrial inglesa do século XVIII e XIX. Na Europa, eram vinculados, em boa parte, a partidos socialistas, comunistas e anarquistas. Desse modo, trouxeram a habilidade com a máquina mecanizada para a indústria, mas também outra visão política de luta e resistência, formando sindicatos, associações e jornais operários de início do século, como também foram os responsáveis por movimentos grevistas e ludistas. Esse novo trabalhador mostra-se afeito à batalha contra o capital e não se sente menos intimidado pelos patrões. Luta pelas suas conquistas a partir de associações, o que desencadeia mudança nas relações entre capital e trabalho, sobretudo, na legislação trabalhista que se altera. O corpo e a habilidade intelectual do trabalhador contribuem para se configurar outro universo laboral.

Elza representa, em parte, esse novo operariado, cujas relações com o patrão são impessoais e mercantilizadas, mediante contrato e não mais afetivas e de submissão. Sua mente e seu corpo passam por um processo de mercantilização acordado entre ambos a partir de relações de trabalho livres e assalariadas.

Percebemos que *Amar, Verbo intransitivo: idílio* pode ser lido como uma metáfora para uma nova configuração social do trabalho na sociedade brasileira pós-escravidão. Esse novo cenário também aponta para uma mudança de identidade nacional, agora, incorporando o imigrante alemão e italiano, sobretudo, revelando um desejo de o Brasil das elites em adentrar outro fuso cultural, ou seja, o das ideias liberal-burguesas, tentando deixar para trás uma sociedade patriarcal, escravocrata, das relações de favor e compadrio. Obviamente que essa nova feição não se dá sem continuidade e contradições, mas há sim uma nova ordem, com especificidades locais, decorrente do processo de industrialização, imigração, Abolição da Escravatura e Proclamação da República. A leitura da obra, articulando-a à realidade social e, em especial, ao cenário laboral da Primeira República, apresenta um novo olhar sobre esse texto e nos faz perceber as ligações entre texto e contexto imediato. A visão andradiana, no entanto, é única e peculiar visto que se detém sobre o trabalho doméstico, que pode ser visto como uma metáfora parcial das relações entre trabalhador operário e capitalista. Entretanto, a

escolha desse foco não permite que Mário de Andrade conte também a história dos levantes e lutas operárias da grande massa de operários que se sucederam no período em questão na realidade histórica. O autor modernista, a partir do seu recorte, também formaliza outras temáticas que não foram o destaque deste artigo. A obra pode ser lida por meio de outros mirantes e isso a faz plural e aberta, revelando-se a sua complexidade discursiva. O narrador, em passagem metaficcional, nos indica o caminho das leituras possíveis e ressignificações:

Se este livro conta 51 leitores sucede que neste lugar da leitura já existem 51 Elzas. É bem desagradável, mas logo depois da primeira cena cada um tinha a Fräulein dele na imaginação. Contra isso não posso nada e teria sido indiscreto se antes de qualquer familiaridade com a moça, a minuciasse em todos os seus pormenores físicos, não faço isso. Outro mal apareceu: cada um criou Fräulein segundo a própria fantasia, e temos atualmente 51 heroínas pra um só idílio. 51, com a minha, que também vale. Vale, porém não tenho a mínima intenção de exigir dos leitores o abandono de suas Elzas e impor a minha como única de existência real. O leitor continuará com a dele apenas por curiosidade, vamos cotejá-las agora. Pra isso mostro a minha nos 35 atuais janeiros dela. (Andrade s/d , p. 57).

O discurso literário permite, entre outras especificidades e diferentemente do discurso mais tradicional de dimensão histórica, ver mais detalhadamente o trabalhador em sua intimidade e particularidade. O gênero romanesco, hegemonicamente, formaliza personagens individualizados que vivem, labutam, sofrem, amam, odeiam e se relacionam socialmente. A partir dessas situações narrativas particulares vão surgindo questões contextuais, históricas, econômicas e laborais. Já o discurso histórico, majoritariamente, debruça-se sobre classes sociais, etnias, gênero, buscando aí as generalidades e não as vidas particulares. A literatura permite ver o homem particularizado e individualizado e, a partir dele, as grandes questões históricas da qual ele faz parte de modo constitutivo. Daí porque as análises do texto podem variar, sendo possível para a obra em tela ser investigada por outros mirantes que diferem desta pesquisa, ressignificando-se o texto a cada leitura. Elza, apesar de particularizada, também indica sua condição de classe trabalhadora, sendo típica à medida que sinaliza para uma nova configuração do universo do trabalhador formalmente livre. Mário de Andrade interpreta a seu modo o mundo do trabalho doméstico, formalizando um certo discurso sobre o trabalho perpassado pela questão econômica, de classe e de gênero.

Chegando perto de nossa contemporaneidade, encontramos o escritor Roniwalter Jatobá, na obra *No chão da fábrica: contos e novelas*, 2016, que trata sobre o modo das classes trabalhadoras. O intelectual recria a vida de homens e mulheres dentro das fábricas brasileiras, mormente, na década de setenta, nas grandes cidades. A maioria das personagens são oriundas de cidades pequenas, gente humilde, sem qualificação profissional para as grandes indústrias,

que vêm de contextos de trabalho artesanal e que buscam encontrar uma nova vida, iludidos com o trabalho fabril que poderá lhes trazer sobrevivência material. Migram de suas cidades, pois ali o contexto laboral é bastante precário. Essa vinda e essa busca, no entanto, na visão de Jatobá, não é frutífera, visto que o destino das personagens em novo *locus* dá-se de modo conturbado, trágico e degradante. Para a análise, ater-nos-emos ao conto “Sabor de química” por motivos de espaço do presente artigo. A narrativa é bastante concisa, plasmada em primeira pessoa e apresenta a visão do protagonista sobre sua vida presente em comparação dialógica com seu passado. Vai contando ao seu interlocutor a sua narrativa, informando sua chegada na cidade grande, “Cheguei aqui, um tempão que já se foi, no turvo da noite.

Abobalhado. Fiquei imaginando que alguém falasse- volte- juro, nem sabia que direção tinha chegado, nem mesmo que rumo tomar” (RONIWALTER, p.180). Nessa passagem o espaço é estranho, indicado como “turvo” em que nada se enxerga plenamente. O espaço se sobrepõe à personagem, é-lhe heterônimo. Domina-o como uma armadilha, pois dele já não consegue escapar visto não poder mais voltar para a sua origem. A personagem pode ser generalizada uma vez que reúne em si as condições objetivas e subjetivas de uma parcela social de retirantes que enfrentam as mesmas expectativas e frustrações pelas quais nossa personagem passa. Já não há o possível retorno, perde-se o “rumo” e a ambientação no novo *locus* se mostra hostil. Na leitura do conto na totalidade, vê-se que o vocábulo “rumo” não é só denotativo, indicando sítio geográfico, mas é simbólico, pois ali, naquele momento de chegada na cidade sonhada, inicia-se a perda do sentido da vida. A cidade e a fábrica lhe desviarão do rumo. Na sequência, conta como se integrou ao trabalho árduo que exigia pouca qualificação, mas que supria materialmente a sua existência. Mostra-se resignado com o labor, pois se percebe como alguém já destinado a valer menos dentro da hierarquia do trabalho.

Menciona a disparidade entre trabalho material e imaterial, identificando-se àquele, e por esse motivo, diminuindo-se existencial e socialmente. Sua fala reproduz e reitera o discurso da divisão do trabalho, aceitando-a de modo submisso: “Vim decidido. Emprego fácil, mas duro, pois nunca fui de muito estudo. Cabeça ruim, dizia meu pai. (...) Pregado no salariozinho de fim de mês. Sempre lá. Pensava, é pouco, mas certo.” (RONIWALTER, p. 181). Adentra a narrativa e nos revela como o trabalho com produtos químicos assolaram a sua saúde, trazendo-lhe um câncer de pulmão: “Começou com tosse comprida. Revirei no meio da noite, o peito estufando querendo explodir, me torturando.” (RONIWALTER, p. 181). Uma constante na fala que expõe a derrocada de sua saúde física é a referência ao período noturno, selecionando vocábulos como “a noite se arrastou vagando”, “treva”, “escuro”, “medrosos de luz” que intensificam a dimensão trágica de uma vida desperdiçada.

A vida simples e parca sofre novo revés com a degradação física; mas, as condições pioram, transcendendo os problemas físicos, pois a sua derrocada como trabalhador (é aposentado por invalidez, percebendo mísero salário), traz-lhe novo dissabor, uma vez que passa a ser hostilizado na comunidade, visto que já não detém qualquer *status* naquele cenário.

Percebe-se sozinho, satirizado, isolado. O seu corpo e sua mente já não são eficientes para o trabalho e revelam que a sua situação particularizada pode ser a de qualquer dos trabalhadores, ou seja, ele parece uma ameaça a todos, revelando-lhes no que eles podem se tornar ao serem utilizados pelo sistema e depois descartados. “Tossi até o ponto em que os olhos choraram, que não pude diferenciar se pelo esforço ou pela amargura e solidão. O quarto tão pequeno, fechado, que me lembrei dos corredores enormes da fábrica onde tanta gente passava agora.” (RONIWALTER, p. 181). Não há solidariedade e sim um afastamento daquele que pode lhes contar o destino de todos. Há nitidamente um antes em que desfruta da posição de trabalhador na ativa, com vigor, com carteira assinada em que é respeitado na comunidade e um depois em que a invalidez, o afastamento do trabalho já não o identifica como homem ativo e produtivo. O seu prestígio e aceitação social advêm de sua identidade de trabalhador cordato, decidido, não faltoso, laborioso. Quando esta lhe falta, a comunidade o isola: “Todos daqui me conhecem. Só que, agora, quando passo, chegando, arrastando pelo asfalto esse chinelo roto e desfiado, mudam o rumo das vistas e fazem que não existo.

(...) Disfarçam e se arredam sem pedir licença. Fazendo pouco caso. Não ligo mais não. Cuspo o meu câncer nos pés deles.” (RONIWALTER, p. 182). O escritor demonstra a ausência de solidariedade, pois aquele trabalhador atingido pela decadência passa a ser o espelho dos outros que ali não se querem mirar. O cenário não é idealizado, construindo-se personagens solidários, fraternos, sensíveis à condição do outro em sua totalidade. Antes, mostra uma comunidade tomada pelo sentido da concorrência, do individualismo e do medo difuso de enfrentar o próprio destino visto no outro. O protagonista é aquele em que o outro não quer se enxergar pois, se assim o fizer, terá que revolucionar as condições de existência.

Talvez aí resida a argúcia crítica do escritor uma vez que não edulcora a realidade, mas mostra os determinismos econômicos e materiais que afastam os trabalhadores de uma possível luta e resistência se fossem unidos. O medo da demissão, a sobrevivência árdua, a labuta cotidiana os afasta. O não terem no outro o espelho de si impede-os de se agregarem como classe que poderia enfrentar o capital. Exigir do escritor que formalize personagens lutadores, fraternos e em perfeita comunhão é já um patrulhamento ideológico a que a crítica não pode proceder, sob pena de tornar todos os discursos iguais do ponto de vista axiológico. A visão de Jatobá é desiludida e talvez por isso mais crítica e mais profunda, apontando

exatamente o que desune os trabalhadores, e a tomada de consciência dessa desunião pode ser a possibilidade de alteração da precariedade da existência.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vê-se, portanto, pelos exemplos de narrativas da Literatura Brasileira, que a história do trabalho e do trabalhador vai sendo contada de modo específico no cenário literário, mas também em constante referência a outros discursos sobre a mesma realidade advindos das áreas da Economia, História, Sociologia e, sobretudo, em intratextualidade com o discurso bíblico e filosófico. A Literatura Brasileira pode ser lida a partir de outra temática ainda pouco explorada nos textos críticos, ou seja, através do tema trabalho no Brasil, utilizando-se de fundamentação na área da linguagem e do romance. O discurso literário enforma uma história do trabalho a partir de personagens e suas microhistórias atreladas à macrohistória da Economia. A leitura de obras sob esta temática é inovadora e pode contribuir para esclarecer outros aspectos da dimensão laboral característica do ser humano. Nesta reflexão, objetivamos perceber que, tanto o trabalho como a linguagem que analisa o trabalho e o nomeia são condições centrais do ser social. O trabalho e a linguagem são ontológicos e podem nos levar a refletir sobre nossa condição de trabalhadores a partir dos discursos emitidos sobre nossa atividade laboral. Trabalhamos, falamos e escrevemos sobre o que fazemos. Assim, o universo infraestrutural e o superestrutural se articulam, visto que o ser humano para se relacionar com o mundo material o faz, mediando essa relação pelo universo imaterial, ou seja, constitui-se como *homo faber* e *homo significans*. Linguagem, trabalho, técnica e tecnologia constituem nossa ontologia.

#### REFERÊNCIAS

A Bíblia: **tradução ecumênica**. São Paulo: Paulinas, 2002.

ANDRADE, M. de. **Amar**: verbo intransitivo: idílio. 16 ed. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Editora Villa Rica, vol. 3, s/d, 1986.

AZEVEDO, A. **O cortiço**. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1995.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense/ Universitária, 1981.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira (Movimentos decisivos)**. 6 ed. v.2 Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

CANDIDO, A. A passagem do dois ao três (contribuição para o estudo das mediações na análise literária). In: **Revista de História**. Ano 25, tomo 3, v. 50, número 100, São Paulo, out/dez, 787-799, 1974.

CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, A. De cortiço a cortiço. In: **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 4 ed. Rio de Janeiro: Global, 1990.

ESQUILO. **Prometeu Acorrentado**. Trad. Miroel Silveira; Juliana Silveira Gonçalves. São Paulo: Abril Cultural. Editor Victor Civita, 1980.

FAUSTO, B. 2002. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2002.

FRANCO, M. S. C. **Homens livres na ordem escravocrata**. 4. ed. São Paulo: Unesp, 1997.

Freyre, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 31ed., Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1996.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Introdução, tradução e comentários de Mary C. N. Lafer. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.

GORENDER, J. **O escravismo colonial**. São Paulo: Ática, 1992.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça** (J. Teixeira Coelho Netto, trad.). São Paulo: Hucitec, 1999.

JATOBÁ, R. **No chão da fábrica: contos e novelas**. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.

GORZ, A. **Metamorfoses do trabalho**. São Paulo: Annablume, 2003.

KURZ, R. <http://www.consciencia.org/krisis.shtml>. Acesso em 11 de maio de 2010.

MACHADO, A. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São: Saraiva, 1997.

MARX, K. **O capital**. V. I e II- Coord e revisão Paul Singer. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1984.

MICELLI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENNET, R. **The corrosion of character: the personal consequences of work in the New Capitalism**. New York, Norton, 1998.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

FANINI, A. M. R. O Discurso Literário Brasileiro e a Formalização do Trabalho, da Técnica e da Tecnologia: Uma Abordagem Dialógica. **Rev. FSA**, Teresina, v.16, n.2, art. 13, p. 238-255, mar/abr. 2019.

Contribuição dos Autores	A. M. R. Fanini
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X